

XVII Congresso Brasileiro de Sociologia

20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

GT 10- Ensino de Sociologia

A experiência no PIBID: Formação, impactos e vida docente

Danyelle Nilin Gonçalves- Universidade Federal do Ceará¹

¹ Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora de área do PIBID de Sociologia da instituição.

A experiência no PIBID: Formação, impactos e vida docente

O PIBID entra em cena

O PIBID é fruto de uma política de expansão das atividades da Capes, instituição existente no Brasil desde a década de 50, fundada com o objetivo de assegurar a existência de pessoal qualificado para atender ao desenvolvimento do país. Responsável por coordenar o sistema Nacional de Pós Graduação, em 2007, o Congresso Nacional aprovou por unanimidade a Lei nº 11.502/2007, que modificou suas competências e estrutura organizacional. Assim a instituição passou também a induzir e fomentar a formação inicial e continuada de professores para a educação básica, disciplinada pelo Decreto nº 6755, de 29 de janeiro de 2009, que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. A partir daí, passou a contar em sua estrutura com uma Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica que atua na indução à formação inicial de professores e no fomento a projetos de estudos, pesquisas e inovação. Até setembro de 2014, a diretoria atuava em sete programas, dentre os quais o PIBID².

O programa é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. Por meio de bolsas, os projetos buscam inserir os estudantes das licenciaturas, para que desenvolvam projetos de iniciação à docência nas escolas públicas participantes. Tais atividades são orientadas por docentes da licenciatura e de um professor da escola, que atua como coformador dos futuros docentes.

Ano a ano vem ganhando projeção. Somente nos últimos dois anos, o programa cresceu 82%, passando de 49.321 (2012) para mais de 90 mil bolsas (2014), abrangendo aquelas destinadas à iniciação à docência, para professores supervisores (docentes da Educação Básica), coordenadores de área, coordenadores de gestão e coordenadores institucionais (todos esses docentes do Ensino Superior).

²Além do PIBID, os outros programas são: *Parfor*, *Obeduc*, *Prodocência*, *Novos Talentos*, *Life e Competências Socioemocionais*.

A execução passou de 195 para 284 instituições de Ensino Superior em todas as regiões do país e mais de 5.000 escolas da Educação Básica, que recebem 313 projetos de iniciação à docência. Isso significa que, atualmente, 3% do total das escolas básicas da rede pública estão envolvidas com o PIBID. Em se tratando das Licenciaturas em Ciências Sociais, estão em vigor 73 projetos da área, divididos em 22 estados nas cinco regiões do país³.

No Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, o Programa existe desde a sua primeira edição e ao longo dos anos, pelo menos 51⁴ alunos já estiveram envolvidos em suas atividades.

O presente artigo objetiva refletir sobre o impacto do PIBID para o Departamento de Ciências Sociais, em especial para a modalidade Licenciatura e, em especial, para os egressos do curso e que atuaram como bolsistas de iniciação à docência. É a partir da perspectiva deles sobre a formação, o ingresso no Programa e as reflexões sobre a escolha pela carreira docente que o texto se constrói.

A escolha por esse tema se deu por perceber que já há algum tempo vem sendo construída uma boa bibliografia sobre as experiências no PIBID, mas elas dizem respeito, sobretudo ao impacto que o Programa tem para a escola, para as questões pedagógicas e as estratégias de ensino. Olhar para um de seus executores ajuda a compreender como essa experiência influencia nas escolhas profissionais e no olhar sobre a escola.

Para isso, optei por aplicar questionários com egressos. Alguns deles permaneceram no programa durante 3 anos e nenhum deles passou menos de 1 ano atuando em diferentes escolas da rede pública estadual cearense. A escolha pelos egressos (e não por integrantes atuais) se deu também por permitir que eles tivessem um olhar mais distanciado que permitisse fazer uma retrospectiva e avaliação do impacto em suas vidas pessoais e profissionais.

³ Os PIBIDs de Ciências Sociais se espalham por grande parte do país. Estando em 21 estados e no Distrito Federal, somente o Norte não é contemplado em todos os estados. Nos demais, há pelo menos um PIBID da área por cada unidade da federação, sendo que em 14 deles há mais de um PIBID. O Sudeste e o Nordeste contam com 22 projetos cada. O Sul com 17, o Centro Oeste com 10 e o Norte com 2. A divisão é a seguinte: AL (1), BA (3), CE (4), DF (1), ES (1), GO (4), MA (5), MG (8), MS (4), MT (1), PA (1), PB (3), PE (2), PI (1), PR (6), RJ (6), RN (2), RS (8), SC (3), SE (1), SP (7), TO (1). Fonte: CAPES (2014).

⁴ Dados referentes ao período de 2012 a 2015.

As falas dos entrevistados, citadas através de suas iniciais (08 mulheres e 06 homens, de idade situada, sobretudo entre 20 e 30 anos) estarão ao longo do texto. Também foi pedido a eles que contribuíssem com a pesquisa enviando os memoriais realizados por ocasião da disciplina Prática do Trabalho Docente IV, quando os alunos tem a oportunidade de escreverem o Memorial que trata sobre a formação escolar/acadêmica. Meu interesse sobre o memorial se deu justamente porque neles contém questões referentes à reflexão sobre o impacto que o PIBID exerceu sobre suas formações profissionais e na decisão de tornar-se ou não um professor. Quatro egressos me enviaram seus memoriais e a partir de suas reflexões, analiso a “experiência pibidiana”.

O curso de Ciências Sociais e a Licenciatura

A Graduação em Ciências Sociais⁵ da Universidade Federal do Ceará surgiu em plena ditadura civil-militar, em 1968, ano conhecido por terminar com a instalação do Ato Institucional nº 5, considerado por muitos estudiosos como um golpe dentro do golpe. O curso surgiu oferecendo primeiramente uma única modalidade, a *Licenciatura*. Somente em meados da década de 1970, foi criada a modalidade *Bacharelado*. A primeira turma colou grau em 1971 e até o ano de 1990, 406 alunos obtiveram o título de licenciados. Enquanto isso, o Bacharelado só formou em 13 anos, 49 alunos.

Vale salientar que os licenciados em Ciências Sociais, apesar de ocuparem lugares no mercado de trabalho, não o faziam ensinando a disciplina de Sociologia no então ensino secundário, já que a disciplina passou por um grande período de intermitência somente voltando aos currículos da escola básica nacional em 2008, fruto da Lei nº 11.684/08⁶. Após mais de uma década de discussões acirradas, a Lei alterou o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos

⁵ Em 1958, foi instituído o Instituto de Antropologia, tendo à frente o engenheiro Thomaz Pompeu Sobrinho. Em 1961, surgiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, agrupando profissionais de formação variada, no campo das ciências humanas. Com a extinção do Instituto foi criado o Curso de Graduação em Ciências Sociais.

⁶ Sobre esse assunto, consultar SARANDY(2004), CARVALHO (2004), SANTOS (2004)

currículos do ensino médio. A partir daí a Sociologia volta nacionalmente aos bancos escolares, encerrando um longo período de intermitência.

No Ceará, no entanto, ela já integrava o currículo desde o início dos anos 2000. Analisando os primeiros documentos do Curso, percebe-se que havia uma grande procura pela Licenciatura por parte dos alunos, o Bacharelado ficando em segundo plano. No entanto, nas últimas décadas essa situação se inverteu, consolidando o Bacharelado como a opção mais procurada do curso⁷. Ao longo dos anos, essa situação de “prima pobre” foi sendo reforçada pela fala de alguns professores que desaconselham os alunos, já no início do curso a fazerem essa modalidade, afirmando: “deixem esse negócio de licenciatura que não tem futuro”. Contudo, seria injusto dizer que isso ocorre somente nos últimos anos, já que no livro *Memória das Ciências Sociais na UFC*, os autores ao comentarem e lamentarem sobre os baixos índices de colação de grau entre estudantes do bacharelado afirmam que “o nível de competência do profissional do bacharelado é bem superior ao da Licenciatura, devido a experiência de pesquisa (HAGUETTE *et al*, 1991, p.117).

O binômio pesquisa e ensino, muitas vezes se traduziu numa dicotomia, reforçando uma distância da licenciatura em relação à pesquisa e também um “afastamento” dos temas educacionais, que nunca estiveram entre as principais preocupações de pesquisa do Departamento. Esse fator, é claro, não é somente local. Em outro artigo, escrito em parceria com Lima Filho (2014), já alertávamos para a pouca presença da educação e da escola, em especial nas pesquisas sociológicas. Reforçamos a ideia de que

A ausência da obrigatoriedade da disciplina na Educação Básica diminuiu o interesse por essa temática de pesquisa, refletido na pouca criação de linhas e laboratórios de pesquisa e de programas de Pós-Graduação temáticos na Sociologia. O resultado disso é que, durante anos, mesmo cursos de graduação que surgiram como Licenciaturas e que consolidaram uma tradição de pesquisa, não o fizeram em se tratando da

⁷ Atualmente, inclusive pela política de estabelecer paridade entre as modalidades na entrada, o que incrementa a Licenciatura, essa distância diminuiu. No semestre 2015.1, por exemplo, há 89 alunos matriculados na Licenciatura e 122 no Bacharelado (diurno) e no noturno há 83 alunos matriculados na Licenciatura e 122 no Bacharelado.

temática. Esse dado se demonstra nas poucas monografias de conclusão de curso, dissertações e teses em comparação com outros temas, como desigualdade, trabalho, violência etc (GONÇALVES; LIMA FILHO, 2014, p.83).

Essa situação já começa a mudar, sobretudo na Pós Graduação, quando nos últimos anos, 06 dissertações foram defendidas sobre temáticas relacionadas à educação e outras estão em andamento, a saber: a pesquisa de Antonia Alexandra Mendes Oliveira discute a escola para alunos trabalhadores de uma escola situada num bairro de classe média alta de Fortaleza. Patrícia Silva aborda a discussão da Formação de Professores no período anterior à obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio. O PIBID aparece como foco de pesquisa da aluna Vanessa Gomes Araújo que se debruça sobre as relações sociais que se travam na escola em torno da implantação do PIBID. Esses trabalhos ainda não foram defendidos. Na seleção para a turma de 2015, mais dois projetos foram aprovados, sendo que os dois versam sobre a educação profissional. Vale salientar que nos últimos três anos, 9 egressos do PIBID foram aprovados no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, fato que começa a suscitar o interesse por criar uma linha de pesquisa específica para as questões relacionadas à educação.

O Bacharelado, todavia, ainda não aderiu completamente a temática da educação. Somente nos dois últimos semestres, começamos a notar maior interesse de pesquisa sobre o tema para os trabalhos de conclusão de curso.

Nesse contexto apresentado, o PIBID aparece como um “rearranjador” de forças no curso. Além dos impactos já elencados, o surgimento do PIBID trouxe um novo lugar para as licenciaturas, no que diz respeito às bolsas de iniciação. Sabe-se do papel múltiplo que as bolsas têm: permite ao aluno conhecer mais profundamente uma temática, trabalhar mais próximo de um professor, vivenciar o mundo acadêmico fora da sala de aula (em eventos científicos, congressos e palestras), como também serve ao propósito de permitir que o aluno permaneça no curso (ou pelo menos tenha mais incentivos) e/ ou não trabalhar no período em que se gradua. Esse papel vem sendo desempenhado pelas bolsas de iniciação científica desde 1988 quando

o CNPq instituiu o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). No curso de Ciências Sociais essas bolsas contemplaram majoritariamente o Bacharelado, ajudando assim a formar gerações de cientistas sociais. Muitos deles posteriormente seguiram a vida acadêmica em pós-graduações, sendo aprovados em concursos para a própria universidade e em outras instituições país afora. As bolsas ajudaram a criar um lugar para o Bacharelado e de certa forma, construíram uma “elite” de alunos que eram os bolsistas (vale ressaltar que o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) em geral é utilizado nessa seleção). Essas práticas são percebidas pelos alunos, como atesta a fala abaixo:

(...)Fui incorporando aquela ideia do bacharelado sem grandes dificuldades, já que a licenciatura não se encontrava como se encontra no atual momento, com tanta visibilidade. Assim como as Ciências Sociais são desprivilegiadas dentro do sistema de prestígio social, a licenciatura parecia sofrer dessas dificuldades dentro do departamento de Ciências Sociais da UFC. (memorial de R.B)

Todavia, atualmente há certa paridade entre os Programas e em alguns casos, o número de bolsas do PIBID suplanta os do PIBIC. O Departamento de Ciências Sociais, por exemplo, que vem contando com um número expressivo de bolsas do PIBIC ao longo dos anos, em 2014 obteve 19 bolsas PIBIC e 20 bolsas PIBID. Sabendo que o número de bacharelados é maior que o de licenciandos e considerando que dentre as bolsas PIBIC somente uma dizia respeito a um projeto voltado para entender as relações de alunos de escolas regulares e profissionais (Adesões e conflitos entre culturas juvenis na escola: práticas, saberes e valores da juventude no ambiente escolar), percebe-se de forma clara o impacto do PIBID para o curso de licenciatura.

A fala de um egresso bolsista de iniciação à docência resume bem o papel desempenhado pelo programa.

No que tange ao nosso curso especificamente (Ciências Sociais) trouxe uma valorização da licenciatura. Muitas vezes a licenciatura ficava em segundo plano diante do bacharelado (e alguns professores só reforçam essa ideias) esquecendo que a pesquisa é ofício tanto do bacharel quanto do licenciado. O PIBID torna-se um

incentivo para os alunos da licenciatura ao mesmo tempo em que reavivou o debate acerca da grade curricular da licenciatura. (B. T)

A intermitência da disciplina de Sociologia no ensino médio e a pouca vivência na escola, produziram uma série de efeitos sobre o curso de Ciências Sociais. Dificuldades no entendimento sobre o funcionamento da escola, seus códigos e regras, distanciamento físico e simbólico da instituição, pouco conhecimento sobre as políticas educacionais, resistência em criar e lidar com novas metodologias de ensino, barreiras para transpor a linguagem da universidade para o ensino médio e dificuldades em entender a cultura juvenil são alguns dos problemas enfrentados na Licenciatura.

A esses fatos soma-se que na Licenciatura as disciplinas de práticas docentes, momentos nos quais o aluno vai para a escola, ocorrem somente depois da metade do curso, o que faz com que durante dois anos, a Licenciatura ainda não se “concretize” para o estudante dessa modalidade. Nesses quatro semestres, pouco o quase nunca se ouve falar sobre a escola nas disciplinas teóricas e mesmo quando se estudam autores que discutiram alguma temática relacionada à educação, como Durkheim, Bourdieu, Lahire, dentre outros, esses textos não são os eleitos pelos professores das chamadas disciplinas teóricas (sobretudo as disciplinas de Sociologia).

A chegada à escola: os sentidos da Licenciatura e a decisão pela carreira docente

A proposta do PIBID vai à direção contrária. Pretende-se que essa entrada se dê desde o início da formação acadêmica buscando aproximar o discente da atividade prática do professor, permitindo-o assim conhecer metodologias, estratégias e o cotidiano da sala de aula, além de seguir as atividades corriqueiras da prática docente, como por exemplo, a organização dos diários escolares, elaboração de aulas e de provas. Esse momento permite que o aluno entre em contato com o professor da escola básica, agora numa outra posição. O aluno está voltando para a escola, agora não mais como um

egresso, poucos anos depois de sua saída, mas como alguém que está num processo formativo para ser um futuro professor. Esse papel é refletido pelos alunos, como nas falas abaixo mencionadas:

Voltar à escola depois de alguns anos, agora como observador, pesquisador e estudante universitário, nos faz pensar sobre o papel do professor. (M.S)

O retorno à escola, após o início de uma faculdade, depois de iniciar a construção de um novo olhar sobre as relações sociais, possibilitou também construir um olhar diferenciado sobre a escola. (T.R)

Acredito que participar do PIBID foi a atividade mais importante da minha formação, retornar à escola pouco tempo depois de ter saído dela é algo que fascina, já que o retorno se dá em outro papel, não mais o de aluno, nem o de professor, mas de um observador, um aprendiz, um pesquisador. A escola se abriu para mim como um mundo novo, como se antes eu só conseguisse observar um lado de um cubo e agora eu tenho artifícios para manuseá-lo e observar outros lados também. (memorial de B.C)

Estando na escola semanalmente, os bolsistas de iniciação à docência passam a percebê-la em sua complexidade, que vão desde os mecanismos institucionais, os projetos educacionais existentes, seu espaço físico, seus atores e as relações construídas por eles. Além de assistirem às aulas e atividades peculiares da disciplina a que estão vinculados, ocupam, no horário do intervalo, a “sala dos professores”, vão às reuniões de planejamento que ocorrem semanalmente, ao Conselho de Classe e aos eventos específicos do calendário escolar. Essa atuação permite que os discentes tornem-se parte do “cenário” e do ponto de vista da formação acadêmica possibilita que eles atuem, não como meros observadores da prática, mas como co-autores de sua formação. Para muitos pibidianos, essa é uma das grandes diferenças que o PIBID proporciona para a formação em comparação aos que não são vinculados ao programa, como cita o memorial de uma ex-integrante:

A diferença do Pibid é que os licenciandos que dele fazem parte realizam mais atividades na escola, estão realmente mais perto dos professores, conhecem melhor a realidade dos alunos...Sentia-me como mais legitimidade na escola enquanto bolsista do Pibid, não enquanto estagiária. Como se enquanto estagiária, eu fosse uma intrusa nas

escolas. Mas o bolsista me dava uma segurança maior para realizar minhas atividades e pesquisas. (memorial de B.T)

Para os alunos, a experiência propiciada pelo PIBID quebra a lógica de distanciamento da realidade escolar, tornando assim a Licenciatura mais palpável, como nas falas abaixo:

A licenciatura fez mais sentido porque eu estive mais tempo no colégio observando, me relacionando com seus atores e pensando atividades. Então ele me fez ter mais segurança e consciência do que era a escola e se eu queria estar nela, e se quisesse estar, me ajudou a ter mais consciência a respeito de como gostaria de estar. Embora não esteja no momento trabalhando naquele espaço tenho uma ideia maior do caminho e suas dificuldades, ao mesmo tempo consciência das potencialidades daquele espaço e como é possível construí-lo melhor (D.B)

O projeto foi muito importante para a minha formação na licenciatura, pois me possibilitou compreender o universo educacional e suas possibilidades, participei de congressos, EPDs, escrevi trabalhos, fiz várias pesquisas na escola, e tudo isso agregou muitos valores e aprendizados a minha formação. (I.C)

A reaproximação do cotidiano escolar é o maior impacto enquanto estudante de licenciatura... e nos da ainda a oportunidade de uma vivência mais profunda. (M.S)

O contato com a escola logo nos primeiros anos de licenciatura, diferente de alunos que não são bolsistas do programa. Mesmo que muitos bolsistas tenham pouco compromisso com as atividades a frequência de um PIBIDano na escola é bem maior que a de um estudante que não participa da bolsa. As atividades são diferentes, pois a ideia principal do programa não é fazer com que os alunos da graduação entrem na sala de aula apenas como professores, isso faz refletir como os estudantes de licenciatura poderiam entrar na escola e realizar atividades diferente, buscando metodologias diferentes para uma transmissão de conteúdo. Além disso, as ações do PIBID ainda influenciam os indivíduos participantes a desenvolver pesquisas. (B.F)

O PIBID empolga vários alunos a “porem a mão na massa” auxiliando os bolsistas e trazendo novas ideias de atividades. (B.T)

O PIBID me trouxe a escola no seu dia-a-dia para além daquilo que as disciplinas da academia nos pedem e oferecem (acompanhar um professor da área, no caso). Vivenciar o cotidiano da escola antes de tornar-me professora foi essencial para que eu pudesse abrir o olhar e entender a singularidade de cada sala de aula, de cada escola, de cada prática docente envolvida ali. foi fundamental para o meu amadurecimento enquanto docente (V.A)

A experiência foi importantíssima para tornar os estudos teóricos, sejam em sociologia ou em educação, algo mais significativo para mim e poder compartilhar com alunos da escola e colegas de programa minhas reflexões a angústias sobre as realidades que eu observei com eles. (T.R)

Ser ou não ser professor da educação básica, entretanto, ainda continua a ser a dúvida de muitos licenciandos. Por uma série de motivos externos (a falta de valorização profissional e de prestígio social, as condições de trabalho e os baixos salários)⁸, e internos ao curso (o discurso pró-bacharelado de muitos professores, o incentivo à pesquisa em detrimento das técnicas e estratégias metodológicas de ensino e certo estímulo pela continuidade da vida acadêmica na Pós-Graduação, o que, contraditoriamente afasta alguns alunos da sala de aula da educação básica), a escolha pela docência não é a primeira opção de fato. Muitos alunos entram no curso ainda sem saber do que se trata a modalidade licenciatura e ao longo do tempo, começa um movimento em torno de mudar ou não de modalidade, seguir ou não a carreira docente. Essas dúvidas atormentam a cabeça de muitos alunos e embora, ao final da graduação, muita gente ainda não tenha se decidido, estar no PIBID reforça a ideia de que vale a pena ser professor, como uma ex integrante do programa atesta:

Apreendi principalmente a olhar a escola com outros olhos, a não ter medo dela, passei a ver a possibilidade de me tornar professora do ensino médio como algo bom (I.C)

A escola é um lugar apaixonante, cheio de histórias. Para mim foi um dos melhores momentos da minha adolescência e voltar para um lugar em que eu fui tão feliz é gratificante. Sempre pensava que nunca seria professora, pois um professor deve ser masoquista por

⁸ Sobre esse tema, ver ALMEIDA & GONÇALVES (2013).

sofrer tanto nas mãos dos alunos e mesmo assim continuar, no entanto fiquei maravilhada ao entrar pela primeira vez na sala de aula. (memorial de B.C)

Não à toa, dos 14 entrevistados para esse trabalho, 13 afirmaram querer ingressar ou permanecer na docência. Curiosamente, a única pessoa que afirmou não querer continuar foi aprovada no Concurso para professora do Ensino Médio, tendo assumido suas funções há pouco tempo. Os demais afirmam querer seguir na carreira, mas seguindo a lógica estimulada por muitos professores, todos querem fazer pós-graduação na área. Esse dado (querer estar na docência) contrasta com as impressões dos não pibidianos. Muitos destes, ao terminarem a graduação, já ingressam imediatamente no Bacharelado, sem passar pela experiência de sala de aula. Alguns afirmam não querer ensinar, seja por não gostar ou pelo medo de enfrentar uma sala de aula por causa da inexperiência.

No caso de ex-pibidianos, alguns egressos afirmaram que a estada no PIBID foi fundamental para pensar sobre essa escolha, como demonstram as falas abaixo:

Possibilitou também construir um olhar diferenciado sobre a escola, o que acabou sendo decisivo para minha escolha de me “aventurar” pelo magistério, o que se tornou realidade. (T.R)

..Nos faz pensar sobre o papel do professor e nos faz decidir, se caso ainda haja alguma duvida, sobre seguir a profissão e nos dá ainda a oportunidade de uma vivência mais profunda. (M.S)

Contudo, começa-se a perceber um movimento inverso. A partir de um trabalho conjunto de alguns professores pela valorização da licenciatura, muitos alunos vêm migrando do bacharelado para a licenciatura. Há também aqueles que fazem o bacharelado, posteriormente ingressam no Mestrado e ao concluírem a pós-Graduação retornam à Licenciatura.

Embora o número de egressos do PIBID que efetivamente são professores hoje ainda seja pequeno (no caso estudado, apenas quatro estão em sala de aula no momento, tendo sido dois efetivados em concursos

públicos nos últimos anos), metade deles já passou pela experiência de ser professor temporário após sair do Programa. Além destes, dois outros afirmam utilizar o aprendizado conquistado nessa época para atividades de ensino desempenhadas por eles em outros espaços educativos (em cursos técnicos e na escola bíblica dominical). Para os que trabalharam em escolas regulares, o convite surgiu das próprias escolas nos quais eles desempenhavam suas atividades. Essa possibilidade eles também atribuem a essa estada, como se nota nas falas abaixo:

Fiz contatos com professores que me indicaram para o cargo que ocupo hoje. Além de tudo a experiência enriquece o currículo, registrar no currículo que um dia fiz parte do PIBID, já causou interesse durante entrevistas de emprego. (B.F)

A compreensão sobre a prática docente, com certeza foi em grande importância aprendida com o PIBID, além do reconhecimento do meu trabalho desenvolvido na escola (lecionei temporariamente por dois anos na escola que atuei como bolsista PIBID) e as oportunidades de participar em eventos acadêmicos e apresentar trabalhos (V.A)

E ainda quem não está atuando em sala de aula, reconhece a importância do programa na vida profissional:

No momento não estou trabalhando na escola e sim numa comunidade, embora o objetivo ali seja de um certo momento construir uma escola sem muros, quer dizer, que seja uma extensão da comunidade, que as crianças aprendam possam ter relação com o cotidiano delas, a história dos mais velhos contadas, como algo que faz parte também da história do Brasil, a geografia a biologia do lugar. Pensar que a arte não esta desligada de tudo isso, que ela também tem um viés para trabalhar a consciência crítica, e tudo isso pensar essa escola. O PIBID me ajudou a perceber as potencialidades que possui a escola para ser esse espaço. (D.B)

Nessa perspectiva, os egressos do PIBID entendem que além das possibilidades profissionais oferecidas pela presença no programa, as vidas pessoais também foram atingidas. Dentre as principais contribuições atestadas por eles estão a melhora na comunicação pessoal, as amizades conquistadas, o aumento da capacidade de trabalho em grupo. Para além disso, o contato

com jovens alunos e a empatia surgida entre eles, também possibilita rememorar e resignificar a escola.

Quando escrevia sobre eles, estava com eles, a vida deles se marcava em mim, as minhas memórias pessoais se confundiam com que eu vivenciava naquele espaço. Cenas da minha história de vida pareciam de algum modo revividas naquele espaço por outros atores. Ora eu me identificava, ora eu observava um exemplo que não queria seguir. Ora eu me surpreendia ao perceber que com diálogo tudo podia ser diferente do fim ruim que eu imaginava para história, não sei se dá bem para entender. Mas eu pensava a escola como uma roda viva e que de certa forma eu estava de mãos dadas com alguém que em algum momento havia assumido meu lugar, (como aluna) e que agora eu estava em outro lugar (como candidata a professora). E que todos atuávamos, que todos colaborávamos exercendo um papel, um lugar. Embora fosse um espaço de lutas que muitas vezes minavam o nosso próprio ser e assim vivíamos sem muitas vezes perceber que na verdade estávamos numa roda, que precisávamos um do outro pra melhorar (D.B)

Assim, a escola, os alunos e a própria universidade tendem a ganhar com a implantação de projetos desse tipo:

Penso que a UFC e de modo geral, a sociedade, ganhou com o "boom" que o PIBID gerou nos cursos que como o nosso (Ciências Sociais) tinha uma forte tradição acadêmica. Então, além de melhorar a qualidade e o interesse pelos cursos de licenciatura passou a produzir formandos melhores, considerando que houve, no meu ponto de vista, uma formação mais humana e significativa devido a aproximação do bolsista com algumas realidades da escola pública

O PIBID é um grande observatório. Se os bolsistas forem bem orientados, saberão aproveitar sua passagem pela escola para realizarem os mais diversos experimentos entre os alunos, sejam novos métodos de ensino, sejam novas propostas da matéria específica de atuação. Todo esse conhecimento passa pela universidade e pode fornecer dados aos pesquisadores, visando mudanças na educação do Brasil. (B.T)

O PIBID é o elo que liga escola e universidade, ou seja, uma forma de fazer a universidade deixar de produzir pesquisa para a academia, é o momento de colocar em prática várias teorias principalmente as que tratam de convívio, relações. A teoria é muito bonita, vemos muita

teoria na universidade, a prática é algo bem complicado e em alguns momentos torna-se até complicado dizer que as duas são iguais. (B.F)

Levando para a universidade o que a escola pública tem, o que ela pode oferecer, de como esse campo de pesquisa pode ser explorado, despertando um desejo maior entre os licenciados de conhecê-la e explorá-la da melhor forma possível e até tirando o preconceito que alguns alunos tem com o ensino. É uma olhar diferente daquele que só vai uma vez, e não conhece a realidade da escola, reconhecendo as suas dificuldades e as suas limitações. (M.S)

Considerações finais

As experiências suscitadas pela participação no Programa marcam as trajetórias dos egressos. Muitos deles não conseguem imaginar sua formação sem essa experiência, algo compreensível, já que alguns permaneceram no programa quase todo o curso. Ir a eventos científicos, apresentar comunicações orais e banners, conhecer pessoas que se interessam pela temática da educação Brasil a fora, participar de eventos específicos da Licenciatura, apresentar para os colegas da universidade os trabalhos desenvolvidos, fazer parte de um grupo que se autodenomina como Pibidianos, com um forte sentimento de grupo, tudo isso afeta pessoal e profissionalmente os egressos e se volta de maneira salutar também para a Licenciatura. Embora não se possa afirmar que foi somente o PIBID que proporcionou mudanças positivas na Licenciatura, afinal uma série de mudanças vem se dando na Licenciatura da UFC (a exemplo: foi criada uma área denominada Teoria e Prática, que pretende pensar e conduzir as ações do curso, novos professores se integraram a ela, passou-se a discutir questões relacionadas à Licenciatura em algumas reuniões do Departamento), não há como negar que a presença de um programa desse peso ajudou a dar um novo fôlego para essa modalidade. Ainda que estudos macro precisem ser pensados para avaliar essas experiências e o efeito sobre as escolas, nas práticas pedagógicas e na vida dos alunos, um dos principais beneficiários dessa política, já se começa a perceber esse impacto para aqueles que participaram diretamente dessa experiência pedagógica.

Bibliografia

ALMEIDA, Francisca Rosânia Ferreira de; GONÇALVES, Danyelle Nilin. Ser professor de Sociologia no Ensino Médio: entre angústias e incertezas profissionais. IN: ALMEIDA, Rosemary; CARLEIAL, Adelita Neto. (orgs.). **Sociologia na Escola Média: metodologias de ensino em foco**. Teresina: EDUFPI, 2013.

ALMEIDA, Rosemary; GONÇALVES, Danyelle Nilin. A prática compreensiva na Formação Docente em Sociologia: Uma experiência a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. **Revista Cocar**. Belém, vol 6, n.11, p. 77-85 | jan-jul, 2012.

CARVALHO, Leujene Mato Grosso de. (Org). **Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

GOMES, Ana L.F.; ELIAS, Tânia. (orgs). **Ensino da Sociologia no Brasil** (dossiê). Revista Chronos. Natal: UFRN, v.8, n.2, jul/dez, 2007.

GONÇALVES, Danyelle N. (org.). **Sociologia e Juventude no Ensino Médio: Formação, PIBID e outras experiências**. Campinas: Pontes, 2013.

GONÇALVES, Danyelle Nilin; LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: O PIBID no processo formativo das Licenciaturas em Ciências Sociais In Ciências Sociais e o Ensino de Sociologia (dossiê), **Revista Brasileira de Sociologia Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS**. Sergipe:UFS, v.02, n.3, jan/jun, 2014.

HAGUETTE, Tereza (org.). **Memória das Ciências Sociais na Ufc - um Exercício de Análise Institucional**. Fortaleza: EDUFCE, 1991.

MORAES, Amaury C. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Revista Tempo Social**. São Paulo. Abr., pp. 05-20, 2003.

_____. Desafios para a implantação do ensino de sociologia na escola média brasileira In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. (orgs.). **A Sociologia vai à Escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

OLIVEIRA, Amurabi; LIMA, Vilma S. Formação de professores em Ciências Sociais: desafios e possibilidades a partir do estágio e PIBID. In: GONÇALVES, Danyelle N. (org.). **Sociologia e Juventude no Ensino Médio**: Formação, PIBID e outras experiências. Campinas: Pontes, 2013.

SANTOS, Mário Bispo dos. A Sociologia no contexto das Reformas do Ensino Médio. In: CARVALHO, Leujene Mato Grosso de. (Org). **Sociologia e Ensino em Debate**: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

SARANDY, Flávio M. S. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. In: CARVALHO, Leujene Mato Grosso de. (Org). **Sociologia e Ensino em Debate**: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

SILVA, Ileizi F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Revista Cronos**, Natal-RN, v.8, n. 2, p. 403-427, jul./dez, 2007.

Links:< <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capesPIBID>>